

# **A BUBÔNICA**

Revista de sucessos paraenses

**EM 1 ATO E 4 QUADROS**

POR

***JOÃO MARQUES DE CARVALHO***

MÚSICA DO

**MAESTRO Dr. ASSIS PACHECO**

**BELÉM**

**Secção de Obras d' *A Província do Pará***

**Travessa Campos Salles, 23**

**1904**

## **PERSONAGENS**

- 1- BUBÔNICA
- 2- CARAPANÃ
- 3- PROGRESSO
- 4- PRESIDENTE DO CLUBE DO ENGROSSA
- 5- ORADOR OFICIAL DO CLUBE DO ENGROSSA
- 6- DR. SIRANDA
- 7- DR. TARTINA
- 8- DR. DEFLUXO
- 9- HOMEM DO SINDICATO
- 10- A TRAÇÃO ELÉCTRICA
- 11- JORNALISTA
- 12- TÉLEGRAFO
- 13- CORREIO
- 14- CARNAVAL
- 15- BORÓ
- 16- TEATRO DA PAZ
- 17- TEATRO POLYTEAMA
- 18- TEATRO ELDORADO
- 19- TEATRO APOLO
- 20- EMPRÉSTIMO
- 21- BANQUEIRO INGLÊS
- 22- LIXO
- 23- TACÁCÁ
- 24- FUTURO BACHARÉ
- 25- ENTREPOSTO MUNICIPAL
- 26- INTERPOSTO LIVRE
- 27- DOUTOR PASSARINHO
- 28- DOUTOR SAPIÊNCIA
- 29- PRAÇA BAPTISTA CAMPOS
- 30- QUARTEL DE BOMBEIROS
- 31- BORRACHA
- 32- SERNAMBI

## CENA 1º

**Povo:** Eia, todos ao trabalho,  
Vamos presto, com maior.  
Na oficina vibre o malho,  
Nos jardins viceje a flor!

*(Saem)*

## CENA 2ª

*Bubônica Ratos e Morganhos.*

**BUBÔNICA** – Eis-nos, enfim, na terra da borracha! Louvado seja o vosso zelo, Ratos e Morganhos! Fizestes bem o vosso dever!

**UM RATO** – Viva a Bubônica!

**TODOS** – Viva!

**BUBÔNICA** – Vamos à obra, não percam tempo. Anime-nos o resultado de nossos esforços na terra de Gonçalves Dias e dos camarões; a terra do arroz de cuchá e do Dr. Biné! Avante!

**TODOS** – Avante!

*(Saem)*

### CENA 3ª

*Carapanã.*

**CARAPANÃ** – *(entrando a correr, com um zumbido)* – Escapei de boa! O Dr. Sapiência, para não ficar atrás dos médicos do Rio, encetou campanha contra a minha espécie – a heroica espécie dos carapanãs – e toca a irrigar com querosene os lagos do museu. Fugi a tempo, mesmo porque lá começam agora a morrer, não sei por que, ratos e cobaias...

*(Canta)*

As pernas Velozes

Pedi à cotia:

Deixei meus algozes

Com toda a porfia.

Agora vou tratar-me

Qual um senhor paxá.

Ditoso chafurdar-me

Eu quero em guaraná!

Desalojado de tão agradável viveiro, vou percorrer a cidade, zumbindo aqui, dando ferradinhas ali... Quem sabe quanta mocinha dengosa não hei de morder? Porque eu, Carapanã taludo, sou dunga na operação... *(Ouve-se um rumor que se aproxima)* Que barulho será este? Tanta gente... Que sucederia? Hei de, com certeza, divertir-me muito. Vamos, Carapanã, em tua qualidade de mosquito cara dura, taca a meter o nariz em toda parte!

### CENA 4ª

*Carapanã, Correio e Povo. Entra o Correio esfarrapado, carregado de cartas e maços de jornais. Rodeiam-no homens e mulheres.*

**VOZES** – As minhas cartas?

- As minhas?
- Os meus jornais?
- Dê cá a minha correspondência!

**CORREIO** – (*indolentemente*) – Que pressa! Os senhores pensam que vai acabar o mundo? Tenham paciência, esperem!

**CARAPANÃ** – É sempre a mesma coisa! Olha ferroada pra um, para espertar!

**CORREIO** – Faz aqui tanto calor...

**CARAPANÃ** – Lave-se com água fria. Você está tão sujo...

**CORREIO** – (*recitando*)

Das cartas chegadas com método faço  
Um maço por dia, com todo o vagar.  
Eu pressa não tenho – não sou um suicida:  
A vida, senhores, não vai a matar.

A culpa do atraso provém do Progresso.  
Não meço meus braços com a força vapor.  
Quem manda os paquetes chegarem tão presto?  
Só presto serviços por muito favor!

**UMA VOZ** – E muito faz você por 758 mensais!

Ha tempo de sobra. Quem for descontente,

Assente-se, espere, seu sangue renove:  
Estamos ainda fazendo uma escolha  
Na folha das cartas... de sessenta e nove!

*(Sai entre vaias)*

**CARAPANÃ** – Trinta e cinco anos de atraso! Poderia ser pior.

**1º POPULAR** – Esses serviços federais estão numa miséria. Assim como este, só o Telégrafo...

**2º POPULAR** – Nem de propósito: aí vem ele!

## CENA 5ª

*Os mesmos e Telégrafo.*

**O TELÉGRAFO** – *(arrastadamente)* Sai de Castanhal há 15 dias, com um despacho urgente. E vou ao Rio!

**1º POPULAR** – Coitado!

**2º POPULAR** – Não tenha tanta pressa!

**CARAPANÃ**– Deem- lhe uma cadeira. Vocês não tem caridade!

**TELÉGRAFO** – *(sentando-se)* Agradecido.

*(Canta)*





**CORO** – *(entre gargalhadas)* Que serviço marca anzol,  
A cargo dum caracol!

**CARAPANÃ** – Que infelicidade, a deste país!

### **CENA 6<sup>a</sup>**

*Os mesmos e os Teatros. Os Teatros, entrando jovialmente, de braço dado, cantam:*

Somos risonhos amigos  
Das pessoas joviais.  
Declarando inimigos  
Somos de prantos e ais.  
Entre risos oferecemos,  
A quem nos paga, o prazer.  
Atrativos mil nós temos;  
Quem duvidar... Venha ver!

**CARAPANÃ** – Alegres individualidades! Algumas delas são bem construídas!

**1º POPULAR** – *(designando Teatro da Paz)* Esta, principalmente!

**TEATRO DA PAZ** – *(à Carapanã, que faz menção de se aproximar)* Não venha agora.  
Estou em concertos pela frente e lá por dentro.

**TEATRO APOLO** – *(mostrando Eldorado)* E aquela também não presta agora: está fechada. Venham todos a mim. *(Falando muito depressa)* Tenho os cavalinhos, tenho o bioscópio, com vistas animadas e coloridas, tenho cerveja gelada, sorvetes, refrescos, sanduíches, pão com manteiga!

**1º POPULAR** – De que mares? Lepelletier ou Bretel?

**CARAPANÃ** – Não mecha em casa de maribondos, seu moço!

**TEATRO POLITEAMA** – Não façam caso do Apolo! Isso é conversa fiada. Teatro bom, teatro onça, (*batendo no peito*). Só eu! Dou revistas abrejeiradas, dou operetas risonhas, dou mágicas deslumbrantes! Dana-se com isto o Cardoso da Matta. – mas que me importa? O povo aprecia, o povo gosta, o povo aplaude (*à plateia*). Pois não é?

**CARAPANÃ** – Vão descansados. Hei de ver tudo isso de perto!

*(Saem os Teatros)*

**UMA VOZ** – Até breve!

### **CENA 7ª**

*Os mesmos e um Velho Ator saudoso do passado.*

**VELHO ATOR** – Essa gente lá presta!... Hoje em dia, está tudo perdido! O teatro deixou de ser o templo do velho ator Simões, pra ser valhacouto de revistas imorais. No tempo do Simões, só se representavam joias primorosas, desde o *29*, *Honra e Gloria*, até os *Dois Sargentos*. E os artistas?... Todos de primeira ordem: o Simões, o Muniz, o Ferreira de Souza, eu, que sou o Cardoso da Matta, tudo gente de primeiríssima.

*(Sai cabisbaixo)*

**CARAPANÃ** – Ah! Maduro! O que é verdade é que sem boa música, mulherame faceira no maxixe e graça em penca, não ha bobó pra empresário!

## CENA 8ª

*Os mesmos e Boró.*

**BORÓ** – (*surgindo do alçapão*) Aqui me tendes. Seu o Boró, o pobre, o esfarelado, o imprescindível Boró. Tanto me encontrais nos palácios de opulentas famílias, como na barraca do pobre. Ao rico dou o supérfluo; ao operário afanoso, o pão. Chamam-me reles – mas todos me namoram. Serei como o Tico-tico do *Tim-tim*? Serei bonito?

(*Canta*)

E por toda a parte passo,  
Como a pulga insinuante.  
De mão em mão saltos faço,  
Toda a hora, todo instante.

Todos me humilham,  
Sem nenhum dó;  
Mas ninguém vive  
Sem ter boró!

Quando a manhã desabrocha,  
Entro em cena. – pago a *lona*.  
E se alguém fica *na brocha*,  
Comigo pagou a *mona*.

Todos me Humilham,  
Sem nenhum dó;  
Mas ninguém vive  
Sem ter boró!

**VOZES** – Viva o Boró!

**BORÓ** – Ninguém há que me não faça olhos enternecidos.

**CARAPANÃ** – Ouvi dizer que o Progresso deseja contrair um empréstimo de muitos milhares de irmãos teus. Podes tratar disso?

**BÓRÓ** – Vou a um banqueiro de Londres. Para estas transações. Não há como os ingleses.

*(Saem)*

**TODOS** – Viva o Boró!

## **CENA 9<sup>a</sup>**

*Todos. Menos Boró, depois o Lixo e Bubônica.*

**1º POPULAR** – *(olhando em torno)* Que cheirinho!

**CARAPANÃ** – *(levando o lenço ao nariz)* Que cheirete!

**TODOS** – *(tapando o nariz)* Irra! O Lixo!

**O LIXO** – Sentem alguma coisa? Que caras, santo Deus! Eu não sinto mais nada. Acostumei-me a mim próprio.

**CARAPANÃ** – O que não impede que sejas repugnante. Vai- te embora, vai à creolina!

**LIXO** – De quem a culpa? Da população. Quando vêm as carroças da limpeza. Deixam-me na coisinha, na lata velha, a apodrecer. Depois de passadas as carroças, atiram-me para a rua, empestando os transeuntes. Eu até sou ceia de cachorro!

**BUBÔNICA** – *(aparecendo ao fundo, entre Ratos e Morganhos)* És o meu melhor auxiliar!

**2º POPULAR** – *(ao Lixo)* Você tem razão, mas vá para o forno!

**CARAPANÃ** – *(ao 2º Popular)* Não se diz mais forno de lixo: é usina de cremação!

**TODOS** – Sim, sim. Vá pra usina! Vá saindo de barriga!

*(Saem Lixo, Bubônica, Ratos e Morganhos, fazendo evoluções macabras.)*

## **CENA 10ª**

*Os mesmos e o Clube do Engrossa. Ouvem-se os acordes de uma filarmônica popular que se aproxima.*

**CARAPANÃ** – Isto hoje está divertido!

*(Entra em cena o Clube do Engrossa, com o seu estandarte, vindo depois o Presidente, um homem com um grane quadro sem pintura, mas já emoldurado o Pintor do Clube, com a palheta e os pinceis, o Orador Oficial, carregado de Mensagens, etc.).*

**O PRESIDENTE DO CLUB** – Bom dia, senhores. Não viram acaso as pessoas que procuramos?

**CARAPANÃ** – Precisamos primeiro saber a quem procurais ilustres foliões!

**PRESIDENTE** – Os Homens do Dia procuramos nós. Os abissínios apedrejam o sol poente. Nós engrossamos os sóis nascentes e ascendentes. Só eles dão luz e calor. Somos o *Clube do Engrossa*.

**CARAPANÃ** – Pensei que fosseis o *Clube dos Caiadores*. (*Designando o quadro com a tela limpa.*) E que significa isto?

**PRESIDENTE** – A tela já emoldurada só espera que o Homem do Dia se apresente, para entrar em ação o pintor, fazendo-lhe o retrato a óleo. Em seguida, cabe a vez ao Orador Oficial do Clube.

**ORADOR OFICIAL** – A mim, sim, que disponho a toda hora de poderosos elementos engrossativos. Tenho aqui Mensagens para todas as circunstâncias, necrológios, cartas de felicitação, etc. Possuo modelos de cartões para a imprensa, quando algum graúdo colhe mais uma risonha primavera no florido jardim de sua preciosa existência. Também disponho de minutas para brindes, começando: “Há momentos na vida do homem...”.

**CARAPANÃ** –... “Em que o silêncio é mais eloquente do que as palavras”, já sabemos.

**ORADOR** – É inesgotável o material do *Clube do Engrossa*.

**CARAPANÃ** – Vá engrossar sua avó!

**1º POPULAR** – Que grandes caras duras!

**2º POPULAR** – Admira como não veio o Dr. Arapuca.

**1º POPULAR** – Com as meninas!

**CARAPANÃ** – É verdade. Arapuca é o imperador dos engrossadores!

(*Sai o Clube com a filarmônica pela direita*)

## CENA 11ª

*Os mesmos e Dr. Sapiência.*

**DR. SAPIÊNCIA** – *(entrando pela esquerda, a consertar os óculos e a cofiar cavanhaque)* – Parece incrível que não se tenha ainda lembrado de mim o Clube do Engrossa.

**CARAPANÃ** – *(à parte)* Aqui está o homem que faz artigos contra os carapanãs.

**1º POPULAR** – *(ao Dr. Sapiência)* Por quê?

**Dr. SAPIÊNCIA** - Por seu eu o Dr. Sapiência, um luzeiro, um poço erudição. Falo e escrevo perfeitamente o português, apesar de estrangeiro e não obstante opinião contrária de José Veríssimo. Vivo entre macacos, jacarés e tuiuiús – mas tive a precaução de fazer por conta do erário ótimos chalés para mim e meu auxiliares. Se não fosse a minha sabedoria estava perdida para este país a questão do Contestado. Sou pago muitíssimo bem, mas acho pouco. Mereço como ninguém uma pequena manifestação popular...

**CARAPANÃ** – *(irônico)* A ciência anda mal compreendida nesta terra, doutor...

**Dr. SAPIÊNCIA** – De fato! Irei até o Rio, a vê se me galardoam o mérito mais condignamente

*(Sai)*

**CARAPANÃ** – Então este goela larga ainda quer mais? Parece-se com as fornalhas do tesouro nacional, no tempo do Murtinho!

## CENA 12ª

*Os mesmos, a Tração Elétrica e um Jornalista. Ouve-se um retinir de campainha de bonde elétrico. Todos prestam atenção.*

**CARAPANÃ** *(olhando para os bastidores)* – Que bonita rapariga vem ali...

*(Entram de braço dado Jornalista e Tração Elétrica.)*

**JORNALISTA** – Ainda bem que vos encontro, concidadãos. Há muito que vos procuro, para oferecer-vos esta beleza! *(Designa a Tração Elétrica)*.

**CARAPANÃ** – Você está praticando um comércio proibido pelo Código Penal...

**TRAÇÃO ELÉTRICA** – Nada há de oculto ou criminoso no seu ato. O jornalista conhece os meus dotes, várias vezes tem-me experimentado em outros centros civilizados. Julgando-me sempre de grande utilidade. Faz, pois, o meu preconceito. Ando constantemente com o varão no ar e por ele recebo a força, a vencedora força, que me impulsiona.

**CARAPANÃ** – Que história complicada, meu Deus! Varão no ar... Força vencedora... Você é de força!

**TRAÇÃO** – Levo um maquinista na plataforma e muita gente dentro, de uma vez só.

**CARAPANÃ** – Livra! Salvo seja!

**JORNALISTA** – Esta adorável criatura é maravilhosa. Sabendo do atraso em que jazemos, vem oferecer-se à população.

**CARAPANÃ** – Eu já lhe disse que é proibido o cafetismo em nosso país...

**JORNALISTA** – Qual cafetismo, nem meio cafetismo. Trata-se apenas de utilizar esta moça, que é a Tração Elétrica, em nosso atrasadíssimo serviço de viação urbana.

**VOZES** – Ah! Ah!



**TRAÇÃO** – Tanto mais que uma cidade, cuja frente se encontra o Progresso, não pode dispensar a Tração Elétrica. O próprio Progresso disse num dos seus Relatórios que eu sou, hoje em dia, o sistema triunfante.

**CARAPANÃ** – De fato, cá por mim, ando com grande precisão de ti. Mas deves tomar o compromisso de não esmagar muita gente. Deixa isso pra *pata choca*...

**TRAÇÃO** – Ora, escutem.

Da eletricidade a força  
Quem uma vez já provou  
De tudo por Ela esquece:  
Irresistível eu sou!

Sou fresca e nova  
Caminho lesto  
Quem disto prova  
Despreza o resto.

Ouvi meus rogos, gozai-me  
Vós todos que me escutais  
Quem já andou no Bonde elétrico,  
De nenhum outro quer mais

Sou fresca e nova  
Caminho lesto  
Quem disto prova  
Despreza o resto.

*(aplausos do povo)*

**TRAÇÃO** – Então, querem- me ou não?

**CARAPANÃ** – Falaremos ao Pinheiro.

**TRAÇÃO** – Pois quando quiserem um servicinho bem feito. Chamem-me.

*(Vai- se)*

**CARAPANÃ** – Se o serviço é bem feito, esta com a vida ganha.

**1º POPULAR** – E parece muito limpa!

**CARAPANÃ** – Vou pedir ao Progresso o favor de falar ao Pinheiro.

**2º POPULAR** – *(a Carapanã)* Como?! O Pinheiro é que...

**CARAPANÃ** – Ao contrário, creio que ele só aprecia o sistema antigo!

**2º POPULAR** – Pois tratemos de o convencer das vantagens do moderno. Vamos rapaziada!

*(Saem todos, menos Carapanã e Jornalista).*

## CENA 13ª

*Carapanã, Jornalista, o Homem do Sindicato, Sernambi, a Borracha.*

**JORNALISTA** – (*reparando*) Moderno é o grupo que vem se aproximando.

*(Entra a Borracha a gracejar entre os afagos do Homem do Sindicato e os beliscões de Sernambi).*

**BORRACHA** – Deixem-me. Tanto desprezo às caricias interesseiras de um, como os desdém invejosos do outro. Ambos são suspeitos. (*Ao Homem do Sindicato*) Tu representas o monopólio, que avilta o meu preço. (*Ao Sernambi*) Tu és o fiel traçoeiro da serpente a rastejar no pau. Vales apenas dez tostões, enquanto eu sou cotada a 5 e 6 mil réis.

**JORNALISTA** – (*lisonjeiro*) A senhora merece muito mais...

**CARAPANÃ** – (*à parte*) que magnífico fazendão! (*À Borracha*). Quem é v. Ex.ª?

**BORRACHA** – Sou a Borracha, a goma valiosa.

Feita de leite puro e sem igual.

De longes terras venho donairoso

Suplantando este misero rival.

*(Designa Sernambi)*

Desço das selvas, desço das florestas

Do Amazonas imenso e o coração

Sinto ainda a ecoar o som das festas

Que o Acre fez na sua redenção!

Ao velho mundo vou levar a fama  
Dos seringais daquele céu de anil.  
Terra de heróis, ah! Dize quem não te ama!  
Quem não te ama, esplêndido Brasil!

*(Todos aplaudem)*

**VOZES** – Vivam os acrianos! Viva!

**CAPARANÃ** – Você, na realidade, tem aplicações infinitas: galochas, gaxetas, válvulas, tapetes, capachos, pneumáticos...

**BORRACHA** – *(fazendo um gesto sobre o peito)* Colos para senhoritas desprovidas de naturais encantos...

**JORNALISTA** – *(fazendo um gesto sobre quadris)* E de várias outras redondezas...

**CARAPANÃ** – Canetas, capotes e capas impermeáveis, elásticos, pentes, contas, tubos de irrigação...

**BORRACHA** – Toda a espécie de irrigações...

**CARAPANÃ** – E seringações...

**JORNALISTA** – De borracha faziam-se outrora cabacinhas para o entrudo.

**CARAPANÃ** – E dela faz a indústria americana umas películas transparentes, de grande utilidade...

**BORRACHA** – Botões, balões para *reclames* e bonecos de feitiços vários, bicos de mamadeiras...

**CARAPANÃ** – E chupetas!

**JORNALISTA** – (*à Borracha*) Enfim, você é de chupetas; é o verdadeiro Proteu moderno.

**BORRACHA** – Com a vantagem, sobre o antigo, de espichar e encolher.

**CARAPANÃ** – E ser por igual amada de altistas e baixistas.

**BORRACHA** – Todos eles especulam à minha custa. E eu, generosa e magnânima, a todos dou a ganhar.

**VOZES** – Bravos à Borracha!

**CARAPANÃ** – (*designando o Homem do Sindicato e Sernambi*) E que desejam ou pretendem estes senhores?

**BORRACHA** – Aliviar-me pelo monopólio, do qual já faz parte o Sernambi, que nada tem a perder.

**SERNAMBI** – (*vaidoso*) Mentas tu. Sou feio e sujo, mas tenho as minhas serventias.

**HOMEM DO SINDICATO** – A senhora exagera. Os meus intuitos são justificáveis. Quero circunscrever-lhe a circulação, para torná-la mais valiosa.

**BORRACHA** – Não me agrada a proposta. Prefiro continuar a ser um gênero livre.

**HOMEM DO SINDICATO** – Se a senhora entrar para o sindicato será muito bem tratada!

**BORRACHA** – Recuso.

**JORNALISTA** – Deixe a Borracha em paz com a sua elasticidade.

**HOMEM DO SINDICATO** – E que tem o senhor a ver com isto? Não estou no direito de fazer operações comerciais?

**JORNALISTA** – Sou homem de imprensa, cabe-me defender os constrangidos.

**HOMEM DO SINDICATO** – E a minha cabe esmurrar os importunos.

*(Saca do bolso uma luva de ferro, avança para o Jornalista, que foge a correr. Grande confusão em cena, saindo Sernambi atrás dos dois, e pelo lado oposto a Borracha, acompanhados ambos de muitos curiosos).*

#### **CENA 14<sup>a</sup>**

*Os mesmos e Boró.*

**BÓRÓ** – Meus amigos! Uma boa notícia. Falei a um banqueiro inglês sobre o empréstimo. O homem aceitou. Amanhã irei apresentá-lo ao progresso.

*(Sai apressado)*

**CARAPANÃ** – Ai, Boró!...

## CENA 15ª

*Os mesmos, Carnaval e depois Praça Batista Campos.*

**CARNAVAL** – *(entrando ao som de guizos e pandeiros agitados por foliões mascarados)*

Não valem brigas!

Toca a folgar!

A vida é um sonho

E bem medonho

É o despertar.

Vinde comigo

À reinação

Deixemos tudo

Pela do entrudo

Compensação

### **TODOS**

Não valem brigas!

Toca a folgar!

A vida é um sonho

E bem medonho

É o despertar.

**CARAPANÃ** – Tens razão, carnaval! Divertimo-nos um pouco. Mas qual dos pontos da cidade preferiremos?

**PRAÇA BAPTISTA CAMPOS** – *(surgindo do alçapão)* Vinde todos a mim: eu sou a Praça Batista Campos. Reinaugurada esta manhã. Acho-me toucada de novo, ostentando

galas primorosas, entre flores rescendentes e regatos serpentes, que soluçam como iaras amazônicas. Fazem-me sombra propicia as copas das mangueiras opulentas. Estou encantadora, sou o mimo, a obra-prima do Progresso!

Estou bola, encantadora! (\*)

Cheirosa, dominadora,

Não receio uma rival.

Com esmero preparada,

Sou a flor mais delicada

Do horto municipal!

Eis! A caminho!

Vinde gozar

Do meu carinho!

Vamos folgar!

Riachos, pontes, cascatas,

E passarinhos das matas

Eu possuo em profusão.

Aos fatigados dou sombra,

Da relva a macia alfombra,

Ao pó dum caramanchão!

Eis! A caminho!

Vinde gozar

Do meu carinho!

Vamos folgar!

**VOZES – Sim! Batista Campos!**



*(\*) em virtude de exigências cênicas, estes versos foram suprimidos durante as representações na temporada teatral de 1904, no Politeama.*

**BORÓ** – *(chegando sempre apressado)* Tanto mais quanto é certo que lá encontraremos surpresas deliciosas. O Jayno Abreu e o Antônio de Carvalho, fantasiados de toureiros; O Santoro de figura de reclame de chapelaria; o Fraga de carapicu, etc.

**CARAPANÃ** – A caminho para Batista Campos e depois para o baile do Cassino. Esperam-nos o Xavier e o velho Machado.

*(Vão saindo todos ao som de maxixe. Ao mesmo tempo, aparecem ao fundo a Bubônica, Ratos, Morganhos, dançando também).*

## **CENA 16ª**

*Bubônica, Ratos e Morganhos.*

**BUBÔNICA** – *(depois de saírem todos)* Ótimo! Vai tudo as mil maravilhas! Divirtam-se, façam excessos. Não os deixaremos. Ao Cassino, minha gente!

**RATOS E MORGANHOS** – Ao Cassino!

*(Saem dançando maxixe)*

**MUTAÇÃO**

## QUADRO 2º

*No palácio do Progresso. Salão.*

### CENA 1ª

*Progresso, Carapanã, depois Banqueiro Inglês e Boró.*

**UMA VOZ** – *(da coxia)* O Progresso!

**PROGRESSO** – *entrando.* – Espero ser feliz na transação do empréstimo. O inglês apresenta exigências ferozes, mas tenho fé na minha estrela.

**CARAPANÃ** – *(que o acompanha)* Lá vem ele.

**BANQUEIRO INGLÊS** – *(vestido de branco dos pés a cabeça)* Bom dia, mister Progresso! Eu vem diz a vós mecê não cede um linha.

**PROGRESSO** – Neste caso, nada faremos. Suas pretensões são desarrazoadas. Atendê-las seria de minha parte uma falta de patriotismo.

**BANQUEIRO INGLÊS** – Mim desconhecer tal sentimento quando faz negócio. Inglaterra não ganhar pouco, ganhar sempre seguro...

**CARAPANÃ** – Pois segure-se na garantia... *(À Parte)* Eu dou uma ferroadada neste bife!

**BANQUEIRO** – Mim estar casos ser aceito na Garantia?

**CARAPANÃ** – Yes, se não tiver fistulas...

**PROGRESSO** – Eu é que não lhe aceito as imposições. (*Levantando-se*) Passe bem!

**BANQUEIRO** – (*com uma grande reverência*) Vós mecê ser brasileiro muito teso!

**CARAPANÃ** – Ah! Nós, brasileiros, somos todos assim!

(*Sai Banqueiro ao som do solo inglês*).

**BORÓ** – (*gritando das cadeiras*) Não te aflijas, ó Progresso! Já lá vou, com uma carta do Amorim, do Pereira Dias e de outros banqueiros paraenses!

## CENA 2ª

*Os mesmos e Doutores Siranda, Defluxo e Tartina; um sujeito com ares de gatuno, acompanhados do Povo. Trazem prisioneiros: Bubônica, Ratos e Morganhos.*

**Dr. SIRANDA** – Graves revelações tenho a fazer. Confirmam-se minhas suspeitas. Acha-se entre nós a peste bubônica (*designa Bubônica. Sinais de pavor e admiração*).

**PROGRESSO** – É possível, doutor Siranda?

**CARAPANÃ** – (*à parte*) Carapanã também poderá ficar pestífero?

**SIRANDA** – O meu ilustrado auxiliar Dr. Tartina acaba de examiná-la ao microscópio. Não há equívoco.

**CARAPANÃ** – (*a Dr. Defluxo*) Mas isso de peste não será nome trocado, doutor?

**Dr. DEFLUXO** – É sim. Eu até conheço-a pelo facies.

**TARTINA** – *(com acentuação italiana)* É impossibile senza microscópio.

**PROGRESSO** – Não é a hora oportuna para discussões inúteis. Tomem-se o quanto antes todas as medidas científicas. Segundo soube do próprio chefe do Estado, o tesouro público está ao serviço da saúde da população. O governador há de vencer a peste (*Ao povo*). Havemos de vencê-la!

*Todos, em música agitada e entrecortada:*

Que perigo, santo Deus!

Meu Deus, que horror!

Destes pobres filhos teus

Tem dó, Senhor!

**PROGRESSO** – Desinfetem-se as casas, vacinem-se os habitantes. Manietem à Bubônica, sujeitando-a ao regime mortífero. Façamos guerra de morte aos ratos.

**CARAPANÃ** – Guerra aos ratos e às ratas!

**UM GATUXO** – Quê? A todos os ratos? Já não estou bem aqui. Toca a fugir para Estado vizinho.

**SIRANDA** – *(à Bubônica)* Vamos pra seringa!

**CARAPANÃ** – Isso, doutor! Seringa com ela!

*(Todos, menos Progresso e Carapanã, saem perseguindo Bubônica e Ratos, fazendo menção de seringá-los a preceito).*

### CENA 3ª

*Progresso, Carapanã e Boró.*

**BORÓ** – *(entregando uma carta a Progresso)* Aqui está a resposta sobre o Empréstimo interno.

**PROGRESSO** – *(depois de ler a carta)* Bravíssimo! É um cheque- mate no inglês.

**CARAPANÃ** – Foi furado o raio do bife!

**PROGRESSO** – Os banqueiros paraenses conformam-se com a minha proposta. Não sacrificarei à cobiça estrangeira o nome nacional.

**BORÓ** – E ainda haverá quem faça pouco de mim? Boró na ponta!

*(Sai triunfante)*

**PROGRESSO** – Não percamos tempo. Salvemos o povo!

*(Saem)*

*MUTAÇÃO*

### QUADRO 3º

*Na Avenida República.*

### CENA 1ª

*1º e 2º Sujeitos e Povo. Depois 3º E 4º Sujeitos.*

*Aparecem 1º e 2º sujeitos pelos dois lados da cena.*

**1º SUJEITO** – *(encontrando-se com o 2º)* Olá! Como vais?

**2º SUJEITO** – Bem. Que há de novo?

**1º SUJEITO** – Nada... Só a Bubônica. Já te vacinaste?

**2º SUJEITO** – Não; e tu?

**1º SUJEITO** – Ainda não; mas vou já procurar o Dr. Siranda.

*(Afastam-se, desaparecem. Surgem pelos dois lados da cena dois outros sujeitos).*

**3º SUJEITO** – Oh! Amigo velho!

**4º SUJEITO** – Bom dia! Quantas pessoas morreram ontem de peste?

**3º SUJEITO** – Ouvi falar numas trinta...

**4º SUJEITO** – Vamos à vacina?

**3º SUJEITO** – Vamos lá, por causa das dúvidas.

*(Saem de braço dado).*

## CENA 2ª

*Dr. Defluxo, um Sujeito Endefluxado.*

**Dr. DEFLUXO** (*consigo mesmo*) – Serei assim caipora? Vários colegas têm tido casos de peste em sua clinica, só eu não! Ah! Mas hei de também encontrar um, ainda que tenha de...

**UM HOMEM CONSTIPADO** – (*espirrando*) Atchim!

**Dr. DEFLUXO** – Ora viva!

**HOMEM CONSTIPADO** – Pra morrer é que estou eu!

**DEFLUXO** – (*com um lampejo de alegria nos olhos*) Como assim?

**HOMEM CONSTIPADO** – Ora doutor! Tenho uma grande dor de cabeça, uma moleza no corpo... A língua suja. (*Deitando fora a língua*) aaa...

**DEFLUXO** – (*tomando-lhe o pulso*) Cefalalgia, estado febril, língua saburrosa, mal-estar geral... Não ha que ver: você está com Ela...

**HOMEM CONSTIPADO** (*espirrando*) – Eu não estou com pessoa alguma...

**DEFLUXO** – Você tem peste e da genuína! (*O doente vai quase desmaiar*) Que felicidade! Acudam! Socorro!

*(Entra muita gente, Carapanã. Dr. Siranda, Dr. Tartina, etc.).*

**CARAPANÃ** – Que há?

**DEFLUXO** – Faço confissão pública de incredulidade. Duvidei até agora. Creio, porém, pressentimento. Eis o caso confirmado da peste (*Sinais gerais de medo e curiosidade*). E peste da pior forma: peste pneumônica!

**SIRANDA** – (*examinando o doente*) Doe-lhe aqui? ... E aqui?... (*Sinais negativos do enfermo*) Não me parece exato o diagnóstico. (*À Tartina*) Examine o homem.

(*Levam o doente*)

### CENA 3ª

*Os mesmos, um Mendigo.*

**MENDIGO** – (*a gemer, a coxear*) Uma pelo amor de Deus!

**CARAPANÃ** – Olhe, homenzinho. Deixe-se de ser pedinção.

**MENDIGO** – Estou com fome!

**CARAPANÃ** – O Progresso, no Pará, abolia a mendicância, suprimindo assim a especulação. Vá para o Asilo.

**MENDIGO** – Que Asilo, meu senhor?

**CARAPANÃ** – O Asilo de Mendicidade, onde terá casa, comida, luz, conforto material, trabalho...

**MENDIGO** – Que diz? Trabalho? Não vou nesse *embruio* do intendente. Estou aqui e estou mais é *imbarcando* pra *Manás*...

(*Sai escorreito*)



## CENA 4<sup>a</sup>

*Os mesmos, Futuro Bacharé.*

**FUTURO BACHARÉ** – (*carregado de livros*) Por favô, ondi é o Ginásio Pás de Carvalho?

**SIRANDA** – O senhor vai por aqui, desce até aquela travessa, toma à direita e quebra à esquerda na praça.

**FUTURO BACHARÉ** – Vou fazê inxame.

**CARAPANÃ** – Sim? De que matéria?

**FUTURO BACHARÉ** – Do português, inglês, francês, jumitria, etc. E hei de sai aprovado. Sou um futuro Bacharé. Quero sê doutô...

**SIRANDA** – Doutor em quê?

**CARAPANÃ** – (*à parte*) Na asneira. É uma classe muito numerosa.

**FUTURO BACHARÉ** – Inda não sei em quê. Tarvez bacharé pelo Civice, tarvez pela Academia. E dai, tarvez mê faça buticário.

*(Sai)*

**CARAPANÃ** – Boticário? Que perigo! Não seria mau mandá-lo para o isolamento!

**DEFLUXO** – Quem sabe se não tenho neste homem um futuro colega?

**CARAPANÃ** – Ai está outro micróbio que convém combater: o micróbio do bacharelismo. Já se não encontra contínuo de repartição que deseje ser menos que doutor. Por isso andam tão caras as conversas e a farinha!

*(Tartina, entrando com uma placa microscópica, fala ao ouvido de Dr. Siranda. Este examina por um momento a placa)*

**SIRANDA** – Quem dizia eu? O homem está com peste como qualquer um de nós.

**DEFLUXO** – Não é possível.

**TARTINA** – Garante- lhe o exame microscópico do escarro.

**DEFLUXO** – Achi, piroca! É peste, e da genuína, repito!

**SIRANDA** – Pois não é. Quer saber qual a doença, a grave doença daquele homem? Defluxo, um simples defluxo. *(Gargalhados gerais)* Um catarrão modesto, como diziam os nossos avós!

**CARAPANÃ** – Ora essa! Que fiasco! Então há defluxo nas virilhas?

**VOZES** – Fora! Fora o Dr. Defluxo!

**CARAPANÃ** – Metam o Defluxo no isolamento!

**DEFLUXO** *(saindo a grandes pernadas)* – Vou consultar o Silva Corado!

*(Assovios, vaias)*

## **CENA 5ª**

*Os mesmos, Dr. Passarinho.*

**Dr. PASSARINHO** – *(a correr, com a maleta em punho)* Diabo de terra, esta! Mal cheguei, vejo-me obrigado a partir... Às pressas!

**CARAPANÃ** – Como, doutor Passarinho? Vossa senhoria não conseguiu o que desejava da Garantia? Liquidou o segredo?

**PASSARINHO** – Os homens do norte, *os baianos*, malgrado a opinião dos sulistas, não vivem a dormir. Vou como vim. *(Tira os bolos das calças, virando-os ao avesso)*.

**CARAPANÃ** – Apesar de todas aquelas lenga-lengas pelos jornais?

**PASSARINHO** – E antes não as publicasse. Seria dinheiro poupado pras despesas de bordo. *(Tomando a maleta)* Mas deixe-me partir. Estou com medo de algum oficial de justiça! Aquela Garantia! Aquela Garantia!

*(Sai abanando a cabeça)*

**CARAPANÃ** – E, com efeito, uma garantia para os segurados saberem que todas as liquidações se fazem com absoluto escrúpulo na Amazônia!

## CENA 6ª

*Os mesmos e Tacacá.*

*(Ouvem-se prelúdios da Revista Tacacá)*

**TACACÁ** – Gentes, tacacá!

**CARAPANÃ** – Viva a bebida paraense! Esta, ao menos, não tem peste e é boa que dói!

*Tacacá, depositando no chão a panela:*

Eu sou a panela esmaltada e bonita

Que levo pelas ruas, o bom tacacá.

Sou muito melhor do que a tal jiribita  
Que tantos desgostos nos causa por cá.

Eu tenho pimenta vermelha e queimosa,  
Jeju, tucupi, camarão e jambú.  
Também levo sal, que me faz saborosa  
E fico completa se tenho bacu!

### CENA 7ª

*Os mesmos e Quartel de Bombeiros.*

**CARAPANÃ** – Sou doido pelo tacacá. Até costumo lamber a cuia e a panela!...

**QUARTEL DE BOMBEIROS** (*entrando apressado como quem procura alguém*) – Ah! Ei-la! (*À Tacacá*) Ainda bem que te encontro. Andava desde madrugada à tua procura.

**CARAPANÃ** – Que fazendão desempenado!

**TACACÁ** – Estou às ordens. Quanto quer? Três vinténs?

**QUARTEL DE BOMBEIROS** – Aqui não: no meu posto. Não tomo na rua. Vem comigo.

**JORNALISTA** – (*aparecendo dentre os bastidores*) Aquele também será do Sindicato?

*(Foge)*

**CARAPANÃ** – Não... É do... Cincinato! *(Ao Quartel de Bombeiros)* Quem és tu, que nos levas a panela do tacacá?

**QUARTEL DE BOMBEIROS.** – O Progresso é quem pode dar notícias minhas. Sou o novo Quartel dos Bombeiros e esta manhã, ele próprio, o Progresso, virá inaugurar-me. Como veem, preciso estar forte, para as evoluções e manobras. Vamos, Tacacá!

*(Canta e todos repetem batendo palmas, dançando maxixe).*

O bombeiro apaga o fogo,  
Dando à bomba cá e lá,  
A primeira queima logo  
Na cuia do tacacá.

Fogo queima a lenha seca,  
Cheira a flor do vindicá,  
Doidos correm Seca e Meca,  
Mas de bom, só tacacá!

*(Saem Quartel e Tacacá)*

## **CENA 8<sup>a</sup>**

*Os mesmos e dois Homens que acompanham enterros. Garapeiros e Sorveteiros.*

*(Os homens que acompanham enterros, todos de luto, vão atravessando a cena, a fumar, com o jornal debaixo do braço, em grandes gargalhadas, enquanto sai de um lado o Sorveteiro, que detêm o carrinho perto da moenda Garapeiro).*

**OS DOIS HOMENS** – Ah! Ah! Ah!

**CARAPANÃ** – Que gente! E vem dum enterro!

**1º HOMEM** – Era muito patife!

**2º HOMEM** – Parece que deixou a família na miséria!

**1º HOMEM** – Já era de prever: um perdulário!

**2º HOMEM** – E dizem até que a mulher... *(Fala qualquer coisa ao ouvido do amigo)*

**AMBOS** – Ah! Ah! Ah!

*(Saem)*

**CARAPANÃ** – Assim se vai aos enterros e assim de volta do cemitério: a rir, a fumar, a insultar a memória do finado! Ah! Chicote!

**SORVETEIRO** – Isto axim num vai bem. Boxê dixeu que pagava no fim do mês e ate agora inda nada.

**GARAPEIRO** – O su Mané! Espere um pouquinho, homi. As cojas andan tan feias!

**CARAPANÃ** – Chegou a crise pela garapa!

**SORVETEIRO** – Feio está mais é o xeu pruxedimento. Boxê é mais pior quá Bubônica

**GARAPEIRO** – Num comece cum más palavras, su Manél. Olhe que eu tumbém digo ua inulto...

**SORVETEIRO** – Ora diga lá, se és capaz!

**GARAPEIRO** – *(fora de si)* Já-co-vili-no!

*(Travam-se os dois de razões, entre as gargalhadas de alguns espectadores, enquanto outros apitam. Aparecem policiais, que prendem os desordeiros. Aproveitando-se da ausência destes, moleques começam a servi-se de garapa e sorvetes).*

### **CENA 9ª**

*Os mesmos, Moleque dos Jornais e Jornalista.*

**MOLEQUE** – *(apregoando)* O Binóculo, a Moça, o Carrapato! A feijoada da 22 de junho! A feijoada da 9 de janeiro! A feijoada da 3 de maio!

*(Os circunstantes compram sofregamente os periódicos).*

**JORNALISTA** – *(com desânimo)* A tal estado chegamos. O povo prefere aos grandes órgãos estes papeluchos, que são os atravessadores da imprensa.

**CARAPANÃ** – De quem a culpa? Dos grandes órgãos, que não se respeitam, passando a vida em recíprocos debiques e insultos.

### **CENA 10ª**

*Os mesmos, Dr. Siranda, um Sujeito e Dona Miquelina.*

**SIRANDA** – Venho contentíssimo! A Bubônica, submetida a energéticos profiláticos, está aqui, está dando a casca.

*(Sinais de contentamento)*

**JORNALISTA** – E que vá pra cascos de rolhas!

**UMA MULHER** – Não deixará saudades, aquela desavergonhada!

**CARAPANÃ** – Mas será mesmo peste, dona Miquelina?

**DONA MIQUELINA** – Qual peste, nem nada! É gali...cismo. Esta gente anda podre.

**CARAPANÃ** – Galicismo? Eu não disse que tinha mudado de nome? E as investigações da ciência?

**DONA MIQUELINA** – Tolice, meu branco, tolice!

*(Sai)*

**CARAPANÃ** – Com efeito, em Belém, nunca tivemos falta de bobões e de bubões, com *o* e com *u*, à vontade do freguês...

**JORNALISTA** – Dr. Siranda, confirmou-se aquele caso suspeito de peste, que estava em observação?

**SIRANDA** – *(em reserva)* Sim.

**JORNALISTA** – Posso então noticia-lo?

**SIRANDA** – Não caia nessa! Pelo amor de Deus! O homem era pestoso, com efeito. Como, porém, o médico amigo nosso, que o examinara, havia declarado inexata a denúncia, não convém dar publicidade ao fato.

**JORNALISTA** – Não vejo tal inconveniente. Todos podem errar...



**SIRANDA** – Sim... Mas você compreende... A gravidade da investidura oficial... A ciência... Você sabe...

*(Sai)*

**JORNALISTA** – *(afastando-se)* Qual gravidade, nem qual gravidez. Eu estou aqui, mas é já estampando a notícia no jornal... Cada um cumpra o seu dever!

## **CENA 11<sup>a</sup>**

### **OS MESMOS E INFLAMÁVEIS**

*(Ouvem-se nos bastidores estrepito de foguetinhos e bambas)*

**CARAPANÃ** – Está cheirando a querosene! Fede a chamusco! Ah! São os inflamáveis!

**ENTREPOSTO MUNICIPAL** – Sirvam os senhores de juízes. Sou o Entreposto Municipal, autorizado por lei, para guardar todos os inflamáveis em lugar seguro.

**CARAPANÃ** – Safa! Este é explosivo!

**JORNALISTA** – É uma espécie de isolamento: isola os inflamáveis.

**ENTREPOSTO** – Minha existência decorre do próprio princípio de segurança pública.

**CARAPANÃ** – Então com certeza está no seguro... E este?

**INTERPOSTO LIVRE** – Julgo-me espoliado, protesto. Porque não me deixaram continuar alfandegado? Era tão cômodo...

**ENTREPOSTO MUNICIPAL** – Interpuseste-te entre mim e a lei. És o *Interposto Livre*. Hás de cair.

**INTERPOSTO LIVRE** – Cair, cairás tu. Já tens o *pé na cova...*

**ENTREPOSTO MUSICAL** – Mas estou mais vivo do que a companhia do olho vivo!

**CARAPANÃ** – Cumpra-se a lei. (*Ao Interposto*). Vá saindo de barriga!

**VOZES** – Vá! Vá! Fora!

**INTERPOSTO LIVRE** – Vou, mas vou ao Rio. Para pedir ao menos um pontãozinho...

**CARAPANÃ** – Olha que por lá também há peste!

**INTERPOSTO LIVRE** – Hei de ir até ao inferno!

**JRNALISTA** – Se lá vais, ardem- te todos os inflamáveis...

(*Sai Interposto*)

**ENTREPOSTO**

Dos inflamáveis eu guardo

Caixas, latas e barris

Tenho bombas, dinamite,

Espoletas e fuzis

Eu lutas não receio

Sou cabra decidido;

Porque, para atrevido,  
Sou atrevido e meio.

Esse punha tenciona  
Embrulhar-me num papel.  
Passa fora! Não consinto  
Que vença o seu aranzel!

Eu lutas não receio,  
Sou cabra decidido;  
Porque, para atrevido,  
Sou atrevido e meio.

**JORNALISTA** – Você é um moleque resolvido, seu Entreposto.

**ENTREPOSTO MUNICIPAL** – E por isso corro no encalço do Interposto Livre!

*(Sai com estrepito igual o da entrada)*

## **CENA 12ª**

**OS MESMOS, DONA MIQUELINA E SEU QUINCAS**

**DONA MIQUELINA** – Ai vem meu marido. Escute, seu Quincas!

**CARAPANÃ** *(aos outros)* – Apreciemos esse pedacinho.

**SEU QUINCAS** *(à dona Miquelina)* – Não te via!

**CARAPANÁ** – Que casal de jabutis!

**MIQUELINA** – Pois olhe que, se fosse *cobra* saltava em você.

**QUINCAS** – Não fales em bichos ferozes. Minha sogra pode ouvir.

**MIQUELINA** – Deixe-se de asneiras. Tive uma ideia. Você se lembra da Nhá Florismunda, aquela costureira lambisgoia?

**QUINCAS** –... Que te insultou por causa da conta atrasada? Lembro-me, sim.

**MIQUELINA** – Pois chegou o momento da vingança. Esta manhã soube que ela estava doente e...

**QUINCAS** (*apavorado*) – Queres matá-la?

**MIQUELINA** – Não é isso. Desejo somente que você mande uma denúncia à higiene, dizendo que ela está com peste...

**QUINCAS** – Mas é inexato, mulher!

**MIQUELINA** – Ela não está, de fato, com *peste*. Mas como é uma *peste*, não haverá senão meia mentira. E depois, que escrúpulos são esses? A denúncia pode ser anônima...

**QUINCAS** – Ah, nesse caso, bem... (*Vaidoso*) Eu sou turuna em cartas anônimas!

**MIQUELINA** – E damos com a bicha no isolamento!

(*Saem de braço dado*)

## CENA 13ª

### OS MESMOS E CAETANA DOS CASQUINHOS

**CARAPANÃ** – E eis ai como se escreve a história! Ora bem. Estamos aqui a dar à língua e nem reparamos que vai sendo a hora do almoço. (*À parte*). E eu nem sei que boia hei de filar hoje... Ainda não li a *Vida Social*...

**JORNALISTA** – Quem nos dera aqui uns petiscos da Caetana.

**CAETANA** – Aqui estou eu, meu branco.

*(Tira da cabeça a bandeja de quitutes, mostra-os ao redor e canta):*

Trago aqui vinte acepipes,

Tortas, empadas, fios de ovos.

São finos manjares novos.

Não causam indigestão.

Doces em calda, *Filhozes*

Casquinhos de caranguejo!

Igual a mim, ninguém vejo

Nuns pastéis de camarão!

Ai!

Ninguém como eu

Quitute faz,

Provem do meu,

Pra pedir mais!

Sou preta limpa e cheirosa

Nas artes de cozinheira,

Eu serei sempre a primeira  
Em nosso belo Pará.  
Também açaí amasso.  
E se um namorado chora,  
A donzela daquele adora  
A cartinha eu vou *levá*.

Ai!  
Ninguém como eu  
Quitute faz,  
Provem do meu,  
Pra pedir mais!

*(Todos aplaudem, rodeando Caetana, comprando-lhe pastéis).*

**JORNALISTA** – Esta Caetana é da pele de Judas. Um tanto careira...

**CAETANA** – E o que é pão não custa caro, meu bem?

**JORNALISTA** – Sim, mas olha que um casquinho por dez tostões...

**CAETANA** – *Suco, nhu* Aquele! Os meus casquinhos são fresco, bem apimentados. O sinhô tem pago mais caro tanto casquinho estragado...

**CARAPANÃ** – Toma! Por esta verdade não esperavas tu!

*(Sai Caetana som da musica de suas coplas)*

## CENA 14ª

### **OS MESMOS, O PROGRESSO E BORÓ; DEPOIS BANQUEIRO PARAENSE E EMPRÉSTIMO.**

**BORÓ** (*chegando com grande pressa, do lado oposto, àquele por onde entra o Progresso*) – Uma excelente notícia, senhores. Temos um Empréstimo. Ai vem o Banqueiro Paraense.

**CARAPANÃ** – Ótimo. Felizes os que têm apólices!

**BÓRÓ** – Você tem algumas?

**CARAPANÃ** – Tu já viste carapanã possuir apólices?

**BANQUEIRO PARAENSE** – Em consequência das últimas transações, está feito o Empréstimo.

*(Sinais de contentamento)*

**CARAPANÃ** – Felicito o município na pessoa do Progresso.

**PROGRESSO** – Assim poderei dar expansão ainda maior ao bem-estar da Comuna.

**BANQUEIRO** (*com um gesto evocativo*) – Venha o Empréstimo!

*(Surge de alçapão Empréstimo, todo fulgurante do ouro, tilintante, numa projeção luminosa. Aplausos gerais).*

## QUADRO 4º

**APOTEOSE** – *(A orquestra executa o Hino Nacional. Abre-se o fundo. Aparece uma vista do Bosque, ao Marco da Légua. Num ponto culminante, a estátua do Progresso eleva-se em atitude solene, rodeada de figuras alegóricas aos Municípios do Estado. Por traz da estátua, rutila esplendorosamente o sol - imortal como o sentimento humano da liberdade).*

**CAI O PANO**

**FIM**



